

# Adeus a Mozart Soriano Aderaldo

Geraldo Fontenelle

Minhas senhoras e

Meus senhores:

Os últimos dias têm sido bastante dolorosos para este cenáculo de *Acâdemus*. A morte ronda o propileu do Palácio da Luz ceifando com raro ousio vidas tão preciosas. Fina-se mais uma estrela do sistema solar da nossa literatura, mas apenas no sentido biológico, porque espiritualmente a humanidade continuará, respeitando-se o preceito da imortalidade acadêmica. E quem está inerte nesta câmara-ardente? Um homem que foi sempre – *nemine discrepante* – um nome tutelar deste areópago de cultores das letras: mestre Mozart Soriano Aderaldo.

Sabeis que os filhos de Israel choraram por trinta dias quando Moisés morreu (DT 34,8), que o Egito chorou Jacó por setenta dias (GEN, 50,3), que David levantou a voz e chorou profundamente acompanhado de todo o povo quando Ábner deixou este mundo (2 SAM. 3,32) e que Jesus não conteve o pranto diante do túmulo da Lázaro (JOÃO, 11,35).

Nada mais humano e compreensível, neste momento, que chorarmos a morte do professor Mozart Soriano Aderaldo, personalidade eminente da Academia Cearense de Letras, do Instituto do Ceará e da Universidade Federal do Ceará.

O que nos reserva o além é sempre uma grande interrogação. Ainda que um espírito, condoído do nosso desconhecimento, quisesse vir até nós, não lhe seria possível. De acordo com nossa interpretação, as palavras que conhecemos não foram feitas para manifestar o além. E se alguém retornasse de sua viagem pela Eternidade, certamente não compreenderíamos as suas palavras moldadas a partir da experiência pós-mortal. Quem poderia

descrever para um cego de nascença a rutilância das cores? No entanto, a alma é uma verdade realmente importante. Não há mais dúvidas que ela existe e isto faz sentido, conforme as tradições do cristianismo.

A esperança da ressurreição, ponto central do Novo Testamento, é o rumo apropriado para nos fazer entender o além. "A ressurreição manifesta bem a unidade do ser humano. Nós não somos apenas vida afetiva, espiritual, intelectual. Somos um corpo pessoal ou uma pessoal corporal. Somos uma unidade fundamental, que a morte destrói radicalmente, mas que pode ser recriada, numa outra dimensão, pela graça de Deus. A fé na ressurreição exige que respeitemos a nós mesmos, a nossa personalidade e a nossa corporeidade. Cuidar de si mesmo, de sua saúde, de seu equilíbrio, levando em conta os limites do próprio ser, faz parte da esperança do além" (André Myre em "Céu! Para onde vamos nós?")

O Professor Mozart Soriano Aderaldo já não pertence mais a este orbe corrompido pela maldade. Está livre da perfídia dos egoístas e da iniquidade dos homens. Habita agora um mundo onde o que pesa são os valores espirituais, os merecimentos da santificação a imparcialidade do juízo supremo.

Conhecemos tão de perto este nobre homem e somos testemunha de muitas passagens de sua vida. Sempre vimos nele um varão de Pultarcoi, personalidade irreprochável, um caráter reto, um coração generoso e acima de tudo uma Fé inquebrantável, uma doação a Deus e às verdades evangélicas. Conversando com o companheiro Mozart fomos depositário de algumas confidências, em parte sobre a morte. Há alguns meses ele nos falava da proximidade de sua finitude corporal; e em suas palavras, sentimos que ele tinha certeza da Vida Eterna. Mozart era um dos pilares deste templo de pensamento e cultura que é a nossa Academia.

Através de uma visão fenomenológica, na morte o ser humano é aniquilado pela catástrofe biológica. Tudo o que representa o homem, morre. Mas se recorrermos a uma perspectiva

teológica, concluímos que este fim representa um começo, expressa uma transformação, traduz um nascimento. O homem morre para o mundo mas nasce para Deus. Está dito pelos profetas que até mesmo este corpo inerte um dia ressuscitará. A morte é o fim da obra da Criação, mas o surgimento de uma espiritualidade. Assim reza a nossa fé, a nossa esperança, consoante haurimos nos textos bíblicos.

Recentes pesquisas obtiveram relatos de pessoas clinicamente mortas que foram reanimadas e devolvidas à vida pelos esforços da medicina. No livro "Vida Depois da Vida", R. A. Moody registra 150 depoimentos de pessoas que sofreram morte clínica e, depois por um milagre da medicina e da natureza, voltaram à luz do mundo. Os pesquisadores declararam que, naquele instante, sentiram-se fora do corpo e encontraram espíritos de luz nunca percebidos antes, "uma ampliação do horizonte do eu humano, geralmente ligado a um estado de felicidade". Os teólogos conseguem assim da ciência um indício de que há vida além da morte clínica. Infelizmente isso não pode ser feito com quem atinge a morte vital. Só Deus terá o direito de transpor esses umbrais de sombras e mistérios.

O professor Mozart Soriano Aderaldo terminou sua jornada neste périplo que é a vida humana. Encontra-se agora além do nosso entendimento. Com certeza, está num bom lugar porque sua existência foi um exemplo edificante de cidadão e de cristão. Deus o acolhe com a sereníssima bondade de Pai e o seu misericordioso coração.

*Non omnis moriar* – disse Horácio em Odes, III, 30. "Não morrerei totalmente". Fica sempre a fisionomia presente na imaginação dos vivos, aquela lembrança na tentativa dos amigos, parentes, companheiros. Um homem da têmpera de Mozart Soriano Aderaldo jamais morre totalmente. Escritor, historiador, poeta, genealogista, seus livros ficarão com um legado da mais alta valia literária.

Mozart Soriano Aderaldo era filho de Francisco Aderaldo e da Elisa Soriano Aderaldo. Nasceu em Brejo dos Anapurus,

Maranhão, no dia 22 de abril de 1917. Aos três anos de idade veio morar no Ceará em companhia de seus pais. Fez o curso primário no Colégio Cearense do Sagrado Coração dos Irmãos Maristas; o curso secundário no Liceu do Ceará; transferindo-se para o Rio de Janeiro, ali cursou do primeiro ao terceiro ano da Faculdade de Direito, vindo fazer o resto do curso da Faculdade de Direito do Ceará. Foi Assistente Jurídico da Secretaria de Agricultura do Ceará, consultor jurídico do Estado, Chefe da Assessoria Técnica do governo Parsifal Barroso, Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, professor catedrático da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas. Foi prefeito de Senador Pompeu. Durante muitos anos, escreveu para os jornais de Fortaleza. Sócio efetivo do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Retórica. Membro da mesa diretora da Santa Casa de Misericórdia. Integrante da Sociedade Cearense de Geografia e História e outras instituições.

Escreveu e publicou “A Posição do escritor na reconstrução do mundo”, “Esboço de história e literatura brasileira”, “Colonização das terras devolutas do Ceará”, “Apoemas”, “Minha árvore genealógica”, “Livros e idéias”, “Pe. Francisco Longino Guilherme de Melo”, “Rolins, Cartaxos e Afins”, “Velhas receitas de cozinha nordestina”, “História abreviada de Fortaleza”, “No mar de Tiberíades”, “A praça”, “O cacto amarelo”, “O trecho da rua dos meus verdes anos”, “O livro no meu tempo”, além de muitas outras obras. Fundador do Grupo Clã, vicentino e rotariano. Mozart era polígrafo na verdadeira acepção do vocábulo.

Cada vez que morre um ente querido um pedaço do nosso eu também se vai. O poeta Publilio Sylvio setenciou: “O homem morre quantas vezes perde os seus”, Supina verdade. *Un bel morir tutta la vita onora* (uma bela morte honra toda a vida). Mozart morreu como um justo.

Sabemos que a Casa do Pai tem muitas moradas. Quando morremos, enfrentamos o juízo particular ou individual. A alma é avaliada. Se o balanço for negativo, surgem os tormentos definitivos. Se não, pode ir para o limbo dos patriarcas, onde estão aqueles justos que não acreditaram em Cristo, mas que não estão

excluídos do céu para sempre. Ou para o limbo onde ficam as crianças mortas sem batismo, os doentes mentais ou aqueles adultos de boa vontade que não conheceram o Divino Mestre. Se a alma, após o julgamento, ainda tiver culpas, irá para uma morada que conhecemos com o nome de purgatório, antes de ver Deus face a face. Se positivo o balanço, a alma alcançará o céu, seguindo-se, como exemplo, aquela afirmação de Jesus ao Bom Ladrão: “Eu lhe garanto: hoje mesmo você estará comigo no Paraíso” (LC, 23,43). Onde ficaria o paraíso? Lucas silencia no seu Evangelho, mas Paulo em sua 2ª Epístola aos Coríntios o situa no Terceiro Céu. E o que vem a ser o Terceiro Céu? O céu mais alto, a morada de Deus. Esperamos que esse ilustre morto esteja neste momento no Terceiro Céu de que os fala São Paulo.

Mestre Mozart, receba a nossa saudade, expressão maior do nosso sentimento fraterno e cristão. Saiba que estamos consolados em Cristo, porém sentindo profundamente a sua partida definitiva. O companheiro ainda tinha muito o que oferecer à Academia, pela sua dedicação a esta instituição, seja pela sua sólida cultura, seja pelo seu exemplo e pela sua experiência, como também ainda por muito amor pela família e pelos amigos. Ficamos nós com a nossa dor, o vazio impreenchível da sua ausência. O mestre deixa uma produção literária que reslumbra perenidade e em cujas páginas exsudam talento e admiração, indefesso estudioso que era, escritor fértil e inteligência privilegiada. Escolheu sobremodo os esconsos do pretérito como temática de seus livros, literatura que se equipora à de Antônio Bezerra, João Brígido, Barão de Studart e Raimundo Girão.

*Sit tibi terra levis.*

DITO.